

PERCURSOS DA FORMAÇÃO: O LADO PESSOAL DO FAZER GEOGRÁFICO

Eliane Tomiasi **PAULINO***

O ano que marca o início das atividades da Pós-Graduação em Geografia na UNESP de Presidente Prudente é o mesmo em que ingresso no curso de Geografia desta mesma instituição. Vinte breves anos ... nem os vi passar, talvez pela intensidade dos acontecimentos intimamente relacionados com esta escolha profissional. Ou melhor, esta que não foi rigorosamente uma escolha, pois costumo dizer que não fui eu que escolhi a Geografia, foi ela que me escolheu. Explicando melhor, eu queria mesmo era fazer o curso de Direito, mas a faculdade que o oferecia em Presidente Prudente era privada e condições financeiras me impediam de arcar com tal custo, tampouco podia sonhar com uma universidade pública fora do município, pois meu salário de auxiliar de escritório em uma oficina mecânica era imprescindível para a manutenção da casa de meus pais, com quem vivia até então.

A existência da Universidade Pública, Gratuita e de Qualidade, da qual sou defensora incondicional, deu asas a um projeto que não teria qualquer possibilidade de concretizar-se fora dela; e o que parecia ser uma falta de opção converteu-se num encontro sem volta: o propósito de cursar Direito foi ficando para trás, à medida que a formação tomava corpo. Ao ingressar no mestrado, já havia me rendido à Geografia, não sem vacilar ante renovados desafios.

E aqui cabe uma menção a uma passagem que envolve o Professor Octávio Freire, que em 1994 ministrava um módulo de metodologia da pesquisa na grade curricular da Pós-Graduação. Ao final de uma aula tumultuada pelo choro de minha filha Isabela, na ocasião com dois meses, tornada discente do curso por força das circunstâncias, fui me desculpar com o Professor e também lhe dizer que eu abandonaria o mestrado, porque não conseguiria conciliar maternidade, trabalho e pesquisa.

Sua reação foi o oposto do que se podia esperar numa ocasião daquelas, pois ao invés de uma reprovação pela presença inoportuna de um bebê na sala de aula, acolheu-me. Disse-me para não desistir, porque pesquisa não supunha condições ideais de realização, tampouco genialidade incomum, mas dedicação e persistência. Talvez ele não saiba que aquelas palavras mudaram meu destino; se de algum modo ele tivesse me encorajado a levar adiante uma decisão forjada nas dificuldades do momento, certamente eu estaria até hoje nos quadros da Polícia, onde trabalhava. Não que isso seja um demérito, mas acredito que posso contribuir mais como educadora/pesquisadora do que como membro do aparelho repressor do Estado.

Penso que essas passagens servem para indicar que temos que continuar empenhados na batalha pela ampliação das condições de acesso e permanência na Universidade, pois é certo que muitos sucumbem por obstáculos de ordem material, o que aliás tem sido decisivo para o delineamento das posições institucionais no ranking da produção mundial do conhecimento.

Contudo, essa constatação não pode ser um convite ao imobilismo e à resignação, ao contrário, deve servir de indicativo de que só nos resta despender energias redobradas para negar o lugar que nos foi reservado na divisão territorial do trabalho. Não é outro o significado da excelência alcançada pela Geografia da UNESP de Presidente Prudente.

Mas, para que não se caia em abstrações, é preciso dizer que ela tem rostos, nomes e convicções que, creio eu, edificada em um contexto de divergências próprias da academia, onde se confrontam posturas políticas e concepções distintas sobre Ciência, de um modo geral, e sobre Geografia, em particular. Divergências que, como estudantes, muitas vezes não conseguimos remeter ao plano das opções teóricas diluídas em programas de disciplinas de cada docente, do mesmo modo que quase sempre não conseguimos relacioná-las com desdobramentos que

* Professora Adjunta do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina - eliane.tomiasi@uel.br

necessariamente incidirão sobre a formação e, não só, mas principalmente na própria contribuição que os saberes geográficos podem trazer para a sociedade.

Como a sociedade não é homogênea, mas dividida por interesses inconciliáveis, em virtude do lugar ocupado pelos sujeitos no âmbito da produção e apropriação da riqueza socialmente construída, as referências que emanam da academia são por demais decisivas nos estratagemas do projeto societário que se tem e que se deseja construir. Tudo isso envolve disputas e a produção do saber geográfico não é indiferente a elas.

Talvez seja por isso que alguns de nossos mestres não se cansaram de advertir que a divisão disciplinar é um recurso meramente pedagógico, pois a realidade não se constitui de divisões temáticas ou objetos de um ramo estrito do conhecimento, do mesmo modo que não existe um saber neutro.

Sendo assim, geográficas são as perguntas que fazemos e como as fazemos a esta ou aquela evidência da realidade e que, via de regra, são motivadas pelo incômodo provocado por um fato ou elemento que se apresenta em desacordo com uma ordenação compatível com nossas concepções do que seria ideal para aquela situação.

Muito mais do que juízos de valor, isso supõe um instrumental teórico, que considero plenamente contemplado no rico acervo que nos foi apresentado ao longo da formação. Se dele não conseguimos dar conta, não se poderá dizer que foi pela omissão daqueles que tinham a incumbência de indicar os caminhos, mas sim pelas limitações pessoais ou pela própria diversidade de caminhos que a formação supõe, e que requer escolhas, quase sempre orientadas pelo que Rubem Alves chama de paixão, a paixão que poderá impedir de nos tornarmos pesquisadores tal qual cozinheiros que esquecem do sal em seu fazer cotidiano.

E não se poderá negar que o curso é fonte profusa deste sal, multiplicado em frutos e sementes pelo país afora. Isto me deixa à vontade para relatar o quão apaixonante tem sido a seara diária de construir uma concepção de Geografia como ciência das relações, para além da delimitação sociedade e natureza, porque impregnada da busca pelas interações dialéticas que instituem os arranjos geográficos. E são eles, em uma materialidade empírica que não se esgota em si mesma, a razão da inquietude que move o espírito perscrutador, cujo fim último me parece ser a construção de referências que somem forças para a superação da lógica da exclusão, e que sinalize para a possibilidade concreta de construção de um paradigma inclusivo, capaz de materializar-se em territórios sustentáveis. Dada a polissemia do termo sustentável, faz-se necessário distingui-lo aqui da noção de eficiência difundida ao gosto do mercado, e reafirmá-lo como meta inalienável para o florescimento pleno dos valores humanos, o que supõe não apenas equanimidade, mas construção de orientações radicalmente diversas no intercâmbio com todas as formas de vida, síntese da natureza.

Porém, outro conceito de natureza está por ser consolidado, e a Geografia é parte desta construção, quando atenta para a necessária superação da divisão instaurada em relação à sociedade; divisão esta que transcende equívocos metodológicos, porque coerente com os ditames da acumulação, que requer a conversão ilimitada de bens em mercadorias. É o fato da humanidade sentir-se à parte da natureza que dissimula a vulnerabilização dela própria ante a voracidade imposta pelo modo de produção.

Voracidade manifestada em geograficidades, sempre a nos convidar para decifrá-las. E neste sentido, me parece que o pé na estrada tem especial apelo neste sentido, porque nos defrontamos com (des)arranjos incomuns ao olhar, a nos lançar incógnitas diversas. Me vem à lembrança um dos que mais me marcaram durante os tempos da Pós-Graduação. Minha primeira estadia no nordeste se deu em 1995, motivada pela participação no I Encontro Nacional da ANPEGE, que aconteceu em Aracajú.

O curso nos concedeu o recurso para as passagens de ônibus, e lá fomos eu, Waldemir Roberto da Silva e Marilda Teles Maracci, os três com trabalhos a serem apresentados. Cinquenta e sete horas de viagem foram suficientes para se ter a dimensão plena do que são as desigualdades regionais que tanto falamos em Geografia. A começar pelas redes (viárias), que foram indicando,

em meio aos solavancos e manobras repentinas, a transição para regiões polarizadas, como o é o norte de Minas, o interior da Bahia e o sudeste do Sergipe. Vilarejos opacos, para ficarmos nos conceitos de Milton Santos, separados por intermináveis pinga-pingas, para ficarmos no linguajar comum, e que tanto atormenta os moradores que não tem a sorte de fazer parte dos espaços luminosos, onde até a rapidez dos deslocamentos é nitidamente diferenciada.

Paisagens desoladoras, estampadas nos olhos de trabalhadores consumidos por uma sucessão de carências, alguns dos quais na dependência do mercado representado pelos transeuntes dos ônibus. Pude vê-los em vários trechos críticos das estradas vendendo milho assado em um longo espeto de bambu, para chegar às mãos dos passageiros. Disseram-nos os motoristas que os próprios comerciantes-camponeses “melhoravam” os buracos da estrada, única forma de os ônibus diminuir a velocidade o suficiente para eles venderem seus produtos. Difícil não notar distâncias tão abismais, já que os ônibus daqui que fazem o percurso cidades médias-capitais não só tem as janelas lacradas, para assegurar o bom funcionamento do ar condicionado, como as estradas são rápidas, indicativos da imposição da circulação. Ainda que o mesmo não possa ser observado nos veículos e condições de tráfego inter-municipais do Centro Sul, há uma questão de escala que desautoriza qualquer comparação com a realidade lá constatada.

Nesta mesma viagem, tivemos entre nós uma gestante que seguia de Presidente Prudente para Estância, cidade próxima de Aracaju, para ter seu bebê, previsto para a semana seguinte. Tão arriscada empreitada se devia a ausência de qualquer pessoa que pudesse ajudá-la no período de recuperação pós-parto. Mais de cinquenta horas juntas nos permitiram conhecer um pouco das histórias de vida recíprocas. Esta mulher julgava, de acordo com suas próprias palavras, ter alcançado ascensão social em Presidente Prudente, pois o esposo conseguira um emprego formal como motorista de uma transportadora. Levava consigo além dos pertences normais e uma filha de pouco mais de um ano, três enormes caixas, repletas de arroz, feijão e demais víveres básicos a serem repartidos com os familiares de lá.

Aprendi com esta mulher que a face oculta da coragem é a necessidade: em uma das paradas na segunda noite de viagem, ela ficou para trás e sua pequena filha seguiu sozinha no ônibus sem que qualquer um de nós tenha se dado conta do ocorrido. Ao amanhecer, ela novamente reencontra o ônibus, graças às conexões das rotas rodoviárias e o zigue-zague do nosso trajeto. Entrou atônita por seu bebê, que sequer acordara, mas já em trabalho de parto. Duas horas depois deixávamos-na em Estância, onde acredito que deva ter ido direto para a maternidade.

No retorno de Aracajú, pudemos ver nos semblantes, carências e choros, a tragédia das migrações. Mudanças inteiras vieram no ônibus, repleto de crianças e casais jovens, que deixavam tudo para trás em busca de trabalho, particularmente nos cafezais do sul de Minas.

Esta é apenas uma das passagens do tempo denso que pude viver enquanto fiz o mestrado. Logo após ingressar no doutorado nesta mesma instituição, passei a trabalhar no Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina. Novos tempos, novos desafios, mas certamente menos liminares que os anteriores, pois agora já podia desfrutar de condições materiais proporcionadas por um salário que se não é dos melhores, certamente nos torna privilegiados entre os trabalhadores deste país.

Tempos de exigências redobradas, pois já estávamos sob a égide dos parâmetros de avaliação que até hoje regem a Pós-Graduação e que se por um lado são salutares, porque os créditos em nossa conta com a sociedade provêm das pesquisas finalizadas, que somam publicações e aperfeiçoamento da docência, por outro nos lançam em uma roda viva de produtividade e celeridade, que parece roubar de nós o que há de mais caro à ciência: o tempo para a maturação das idéias.

E por falar em roubo ... a situação mais marcante, porque a mais trágica, e parece que nossa memória retém com intensidades diferentes sofrimentos e alegrias, ocorreu seis dias antes de expirar meu prazo regulamentar para a entrega da tese. Várias vezes eu havia dito à Ana e à Márcia da pós graduação que no dia 21 de janeiro, às 17:00 horas, elas poderiam me esperar na rampa da secretaria, que eu chegaria com os 10 exemplares devidamente encadernados. Mas isso não

aconteceu, porque na semana anterior três assaltantes invadiram minha casa e levaram meu computador com a tese pronta, mas ainda por imprimir, a despeito dos mais desesperados apelos para que eles não o levassem. Depois disso eu aprendi que gravadores de CD, que já evoluíram para DVDs e Pen Drives, não tem preço.

Neste momento em que tudo parecia ruir, a tranquilidade me veio do Coordenador da Pós-Graduação, João Lima Sant'anna Neto, do Chefe de Departamento de Geociências da UEL, Jaime de Oliveira e do meu Orientador, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, que não mediram esforços institucionais para que eu tivesse o tempo necessário para juntar os cacos e os fragmentos da tese, que não saiu como a original, pois jamais se escreve duas vezes a mesma coisa, e muitas coisas eu tive que reescrever.

Esta tese acabou convertida no livro “Por uma Geografia dos camponeses” (Unesp, 2006), e por incrível que pareça, teve a sua primeira edição recolhida, pois revisores terceirizados implodiram o livro sem qualquer aval meu e do conselho editorial. O estrago só pode ser constatado com o livro publicado, lindo aos meus olhos, mas severamente comprometido em conceitos e coerência textual. Se o virem circulando por aí (capa marrom), não leiam, esse não é o livro que escrevi. O que é fiel aos originais tem a capa verde. Nele há o percurso em Geografia Agrária que percorri graças à formação inspiradora que tive da graduação ao doutorado na UNESP, somada às indagações que minha origem camponesa legou, confirmando o que nos disse Manoel Seabra quando de sua estadia em Presidente Prudente, como avaliador da CAPES: muitas de nossas motivações de pesquisas se devem a um traço autobiográfico indisfarçável.

Enfim, para que as desventuras pontuais, próprias do caminhar, não compareçam com relevo excessivo, gostaria de realçar o quão edificante e indissolúvel é este vínculo com a UNESP, na qual encontrei mestres que dispensam apresentação ou adjetivos, assim como amigos para a toda a vida, com os quais continuo me encontrando nos encontros que a Geografia oportuniza.